



Com Alberto Amaral

O novo papel da Universidade

Por Manuel Vitorino

«A Universidade está a mudar» — afirmava, há dias, o reitor da Universidade do Porto, Alberto Amaral. Ontem, no seu gabinete de trabalho, disse-nos: «A Universidade tem um papel histórico a desempenhar, já que, através da sua acção, pode contribuir decisivamente para o desenvolvimento económico e cultural da comunidade em que se insere».

Mas esse discurso novo, diferente, só há pouco tempo é que nos habituámos a ouvi-lo. Alberto Amaral teve o condão de, entre outras coisas, introduzir uma «lufada» de ar fresco numa instituição, onde nem sempre se sentiu o pulsar de um tempo marcado por avanços tecnológicos e de grandes desafios.

E, mérito maior, procurar uma efectiva descentralização administrativa dos serviços das várias academias e fomentar a interligação entre a Universidade e o tecido industrial, tendo para o efeito apoiado a materialização de diversos organismos que visam implementar projectos de desenvolvimento da região.

Homem de «múltiplas experiências», Alberto Amaral alcançou o cargo de reitor da Universidade do Porto depois de ter exercido, durante seis anos, a presidência do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências. O prestígio granjeado como professor e a sua postura no modo e maneira como sempre encarou a Universidade, terão, certamente, decidido para a viragem necessária. Prova do que se afirma prende-se com o facto de neste momento e pela primeira vez no seu já longo historial, se procurar contribuir para um fecundo debate onde «A Universidade e a Construção Europeia» estarão em equação.

Começamos por aqui. Que pressupostos estiveram subjacentes à materialização do Congresso comemorativo do 75.º aniversário da Universidade do Porto?

ALBERTO AMARAL — Antes de mais, à realização deste congresso representa uma forma bem vinculada de a Universidade intervir na vida cultural da cidade e, ao mesmo tempo, questionar temas de enorme actualidade. Por outro lado, com a entrada de Portugal na CEE e com as medidas que vêm sendo tomadas — como por exemplo, as que se prendem com a assinatura do «acto único» — procura-se que a Comunidade não seja apenas uma associação de interesses económicos, mas uma comunidade onde os valores da solidariedade se façam sentir. Como se depreende, a Universidade tem aqui um papel importante a desempenhar.

«P.J.» — De entre os vários temas a abordar «A Universidade e a Cooperação», merecerá, por certo, particulares atenções. Acha que Portugal e a Universidade em particular, se têm empenhado no estreitar de laços com outros países que adoptaram o Português como expressão oficial?

A.A. — Penso que o nosso país não tem sabido interpretar eficazmente, quer do ponto de vista comercial e industrial, o relacionamento com as ex-colónias portuguesas. Daí pensar que o estreitar da cooperação se processar através das vertentes científica e cultural. Repare-se: temos uma língua comum, um conhecimento dos problemas e capacidade técnica para intervir em projectos que visam o desenvolvimento.

75 anos de vida exigem modernização

«P.J.» — O que significa para a Universidade do Porto — enquanto instituição e fonte de saber — comemorar 75 anos de vida?

A.A. — Representa, de facto, um passo muito importante e fundamental na sua trajectória. Nunca nos esqueçamos que foi por influência directa dos comerciantes da cidade — onde em pleno século XVIII reclamavam um ensino consentâneo com os interesses do Estado — que a iniciativa da Comunidade determinou a evolução de uma instituição que terá cada vez mais de se integrar na sociedade que a rodeia.

«P.J.» — A ligação Universidade à empresa é hoje um imperativo. O seu contributo face às novas tecnologias poderá ser determinante para um outro tipo de desenvolvimento. Que resposta é que tem obtido do tecido industrial?

A.A. — Tem sido excelente. Embora se reconheça que temos de pautar a nossa acção com uma certa prudência, para assegurar uma certa eficácia nos projectos lançados. É um dado adquirido que hoje existe um clima favorável para aproveitamento dos recursos existentes entre a Universidade e a Indústria.

«P.J.» — «A Universidade tem de actuar como catalizador da região em que se integra», afirmava recentemente. Mas pergunta-se: Com que meios? Que projectos estão na forja para darem seguimento a este raciocínio?

A.A. — Depois da criação de alguns organismos onde a Universidade assume um papel relevante — INESC, INEGI e IRIH — estamos, neste momento, a impulsionar uma série de iniciativas de grande interesse e importância para o desenvolvimento da região.

A criação de um centro de inovação de empresas, onde participam entidades financiadoras e indústria, englobando uma unidade de transferência de tecnologia, de documentação em estudos europeus e de uma área empresarial, serão implementadas no Porto, em estreita colaboração com a Universidade. Este vasto programa tem ainda a particularidade de ser subsidiado pela Comunidade Económica Europeia.

Reclamam-se instalações condignas

«P.J.» — Estes são alguns dos desafios que se propõe materializar. Mas a Universidade continua com inúmeros problemas. Os alunos e professores queixam-se da falta de instalações condignas. Convm recordar que o último edifício construído foi a Faculdade de Economia há mais de uma dezena de anos...

A.A. — É inegável que a inexistência de instalações adequadas constitui, no tempo presente, o principal problema para ser solucionado. Mas alguma coisa já foi concretizado. Adquiriu-se um imóvel para a ampliação da Faculdade de Farmácia, concluiu-se o parque-auto em Engenharia, enquanto que se prevê, ainda para este ano, o arranque das obras da futura Faculdade de Arquitectura. Quanto aos centros de Metalurgia e Informática, a conclusão dos respectivos edifícios...

...cios será em 1988. O lançamento de infra-estruturas respeitantes ao ISEF, Faculdade de Letras e departamentos de Física e Química da Faculdade de Ciências deverão, igualmente, ocorrer no próximo ano. A conclusão da Casa Primo Madeira (ao Campo Alegre), que funcionará como clube universitário e como elemento de ligação entre a Universidade e a comunidade, é outra das prioridades estabelecidas.

«P.J.» — Pelo que se observa e analisa, a Universidade começou a dar-se conta das mudanças operadas e procura integrar-se na sociedade, como dinamizadora da actividade científica e cultural.

Dir-se-á que este «fenómeno» não se restringe somente ao nosso país, mas, igualmente, a outras latitudes. Definitivamente, a Universidade deixou de ser apenas um lugar onde se cultiva o saber e procura outras «saborias» na comunidade em que se insere. É este o caminho a trilhar quanto ao futuro?

A.A. — Penso que sim. E repara: a Universidade pelos meios que dispõe, tem a obrigação de contribuir para o avanço económico e tecnológico da sociedade.

Por outro lado, é legítimo exigir-se a sua participação nos projectos que visem o desenvolvimento.

Outro dado a reter, diz respeito ao facto de a integração de Portugal na CEE contribuir para uma outra cooperação entre a Universidade e os respectivos países membros. Portanto, sejamos moderadamente optimistas quanto ao futuro...

«P.J.» — O que é ser reitor da Universidade do Porto?

A.A. — É uma tarefa simultaneamente eficiente e, ao mesmo tempo, desgastante. Sobre tudo, quando se procura introduzir uma nova prática no modo de conceber o papel da Universidade e se tenta implementar reformas de natureza estrutural...

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31

Universidade - Opinião